

Tecendo memórias: a criação e o percurso do projeto “A cidade para todos: percepção pertencimento e preservação do patrimônio cultural como forma de constituição dos sentidos de coletividade na cidade de Bocaina-SP”

Ana Laura Assumpção

Doutoranda, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, IAU-USP, Brasil.
ana.assumpcao@usp.br

Bruna Cristina Bevilaqua

Mestranda, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, IAU-USP, Brasil.
brunabevilaqua@usp.br

Paulo César Castral

Professor Doutor, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, IAU-USP, Brasil.
pcastral@usp.br

RESUMO

O projeto “A cidade para todos: percepção pertencimento e preservação do patrimônio cultural como forma de constituição dos sentidos de coletividade na cidade de Bocaina-SP”, criado em 2020, é uma iniciativa do Núcleo de Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, campus São Carlos, que visa propiciar o compartilhamento de ações científicas entre universidade e cidade. Pretende-se, por meio do projeto e da metodologia de ciência cidadã, criar um espaço de diálogo com a população, de modo que seja possível construir coletivamente conhecimentos científicos e empíricos sobre Bocaina, além de fornecer subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas para a cidade voltadas para o Patrimônio Cultural. O artigo apresenta o projeto “A cidade para todos” e mostra o percurso já vivenciado até o presente momento, com o intuito de incentivar a criação desse tipo de trabalho em outros contextos, como sendo uma maneira de estabelecer vínculos, estimular o sentido de pertencimento e, sobretudo, manter viva a memória coletiva local. Pensando, em outras palavras, no sentido mais amplo do conceito “[univer]cidade”.

PALAVRAS-CHAVE: Educação patrimonial. Ações educativas. Ciência cidadã.

1 INTRODUÇÃO

O projeto “A cidade para todos: percepção pertencimento e preservação do patrimônio cultural como forma de constituição dos sentidos de coletividade na cidade de Bocaina-SP” é uma iniciativa do Núcleo de Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, campus São Carlos, no qual se dedicam cinco pesquisadores de pós-graduação, uma pesquisadora de iniciação científica e um professor doutor da mesma instituição¹.

Criado no início de 2020, no contexto da pandemia do coronavírus, o projeto foi pensado como uma maneira de propiciar o compartilhamento de ações científicas entre universidade e cidade. Sabe-se que Bocaina, por manter quantidade significativa de suas características arquitetônicas originais, bem como alguns costumes e festejos tradicionais, é exemplo vivo de cidades do interior paulista que se constituíram a partir da lavoura cafeeira. Por isso, na tentativa de compreender sob quais bases estão calcadas as permanências — já que no local, até o momento, praticamente inexistem ações de tombamento ou semelhantes — e reconhecer possíveis esquecimentos, fez-se emergente a promoção de ações em conjunto, de trocas de saberes, conhecimentos, memórias e afetividades para com a cidade.

Junto com os moradores, ex-moradores e amigos da cidade e do patrimônio cultural bocainense, busca-se investigar e difundir as memórias e os afetos que despertam o sentimento

¹ Pesquisas envolvidas: Inventário Afetivo: processos de apropriação do patrimônio cultural pela população de Bocaina-SP, doutorado, Ana Laura Assumpção; Cidade e percepção: O patrimônio Cultural em Bocaina-SP e as relações de pertencimento na formação da identidade coletiva, mestrado, Ana Paula de Castro Vieira; Fotografia no estudo da cidade: do artefato no arquivo aos usos e funções da imagem para a construção e o manutenção dos espaços de memória em Bocaina-SP, mestrado, Bruna Cristina Bevilaqua; Patrimônio Cultural e Investimento Simbólico: Um estudo acerca da condição patrimonial do Grupo Escolar de São João de Bocaina, mestrado, João Gonçalves Neto; Moradias urbanas históricas de Bocaina, SP: conformação espacial, alterações e permanências de usos, mestrado, Maria Helena Gabriel; Patrimônio Cultural em Bocaina: estudo das recorrências em elementos das fachadas ecléticas como constituinte do repertório formal da paisagem urbana, iniciação científica, Beatriz Haberman.

de pertencimento e a ativação da participação desse coletivo na preservação dos bens representativos dessa identidade. Tal processo objetiva gerar, coletivamente, subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas para a cidade de Bocaina, de modo que todos os interessados possam participar ativamente dessa construção.

Além disso, “A cidade para todos”, fundamentado na metodologia de ciência cidadã, pode ser entendido como um coletivo educador, no sentido de uma educação libertária, conforme proposto por Paulo Freire (1987; 1996). A proposta consiste em oportunizar a troca horizontal de experiências, vivências e saberes, a partir da qual se faz possível construir conhecimento; propor ações de valorização e proteção do patrimônio cultural bocainense em diálogo com aqueles que são seus detentores: a população. Nas palavras de Paulo Freire (1996, p. 12), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

No desenrolar deste artigo, mostrar-se-á algumas ações já realizadas pelo projeto e algumas ações em desenvolvimento e, em seguida, algumas propostas e desafios que ainda estão por vir. Para finalizar, pretende-se, com tal trabalho, veicular não somente o projeto “A cidade para todos”, em Bocaina, mas propor outras ações neste viés, passíveis de serem aplicadas em cidades, comunidades e grupo distintos, como uma das possíveis maneiras de se estabelecer vínculos, estimular o sentido de pertencimento e, sobretudo, manter viva a memória coletiva local.

2 CIÊNCIA CIDADÃ, UMA METODOLOGIA

O projeto “A cidade para todos” é uma iniciativa que se apoia na ciência cidadã. Tal abordagem se concentra, essencialmente, na democratização do processo de produção do conhecimento, relacionando técnicos e membros da comunidade no desenvolvimento de estudos científicos. Nesta modalidade, as pessoas passam de receptores ou fornecedores de informações para se tornarem membros do grupo de pesquisadores, membros estes responsáveis por configurar a prática (ALBAGLI, CLINIO & RAYCHTOCK, 2014).

A temática do envolvimento popular em iniciativas de cunho científico, cada vez mais discutida no campo acadêmico, não se trata de tema recente. Por uma perspectiva histórica, é possível sugerir que estas iniciativas passam a tomar contornos mais bem definidos na década 1960, período de significativas transformações sociais e políticas no contexto mundial. De acordo com Engel (2000), na década de 1960, no campo da sociologia, passou-se a ganhar força a ideia de que o cientista social deveria ter mais contato com seu objeto de pesquisa, sair do isolamento e colocar seus conhecimentos em prática, interferindo diretamente nos resultados a serem adquiridos. Nesse contexto, pode-se citar o surgimento da pesquisa-ação, na qual Engel ressalta que “surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática” (ENGEL, 2000, p. 182).

Embora não tão difundida quanto à pesquisa-ação, a ciência cidadã começa a aparecer por volta dos anos de 1900, no âmbito de um estudo que objetivava a contagem de pássaros e que envolveu ampla participação de grupos voluntários amadores. No trabalho, os participantes colaboraram por meio de fornecimento de dados relativos à contagem das espécies em regiões pré-definidas (SOARES & SANTOS, 2011).

A ciência cidadã, no meio acadêmico, surge no campo da preservação e monitoramento ambiental, área essa onde tal metodologia é, ainda hoje, aplicada com maior recorrência. Figuram, também em número significativo, pesquisas relativas a mapeamento de áreas urbanas, de astronomia e em ciência aplicada. É possível aferir que a utilização dessa metodologia no campo ampliado das ciências sociais ainda é tímida, o que coloca a iniciativa “A cidade para todos” como uma ação exploratória de vanguarda enquanto projeto de ciência cidadã na área da preservação do patrimônio cultural no Brasil.

Os participantes da pesquisa podem ser denominados como cidadãos cientistas, o que reitera o caráter político das atividades desenvolvidas por estes. Trata-se do resgate da primeira pessoa e a conformação de uma prática democrática com objetivo emancipatório. Considera-se que a atribuição de responsabilidade social e científica a membros de comunidade é determinante no processo de devolução do conhecimento para o domínio social, retornando a construí-lo junto à sociedade (ENGEL, 2000). Deste modo, entende-se que métodos que se valham da participação social visem o entendimento de um processo humano complexo, não se tratando da prescrição de uma lei universal (BASKERVILLE, 1999).

Para compreender em que a ciência cidadã se pauta, cabe mostrar as diretrizes elaboradas no relatório 10 princípios da ciência cidadã elaborado pelo grupo de trabalho Sharing best practice and building capacity (Partilha de melhores práticas e desenvolvimento de competências) da European Citizen Science Association:

1. Os projetos de ciência cidadã envolvem ativamente os cidadãos nas atividades científicas o que gera novo conhecimento e compreensão. Os cidadãos podem atuar como contribuidores, colaboradores ou como líderes de projetos e assumir um papel significativo no projeto.
2. Os projetos de ciência cidadã produzem genuínos resultados científicos. Por exemplo, respondendo a uma pergunta de investigação ou colocando em prática ações de conservação, decisões de gestão ou políticas ambientais.
3. Tanto os cientistas como os cidadãos cientistas beneficiam da sua participação nos projetos de ciência cidadã. Os benefícios podem incluir a publicação de resultados da investigação, oportunidades de aprendizagem, prazer pessoal, benefícios sociais, satisfação através do contributo em evidências científicas para, por exemplo, encontrar respostas para questões com relevância local, nacional ou internacional e, desta forma, influenciar políticas nesta área.
4. Os cidadãos cientistas podem, caso queiram, participar em várias etapas do processo científico. O que pode incluir o desenvolvimento de uma questão científica, o delinear dos métodos a utilizar, a recolha e análise dos dados e a comunicação dos resultados.
5. Os cidadãos cientistas recebem feedback do projeto. Sobre, por exemplo, como os dados recolhidos estão a ser usados e quais os resultados no campo da investigação, política e sociedade.
6. A ciência cidadã é considerada como abordagem de investigação como qualquer outra, com limitações e enviesamentos que devem ser

considerados e controlados. Contudo, ao contrário das abordagens científicas tradicionais, a ciência cidadã providencia oportunidades para um maior envolvimento do público e uma democratização da ciência.

7. Dados e metadados resultantes de projetos de ciência cidadã são tornados públicos e sempre que possível publicados num formato de acesso livre. A partilha de dados pode acontecer durante ou depois do projeto, a menos que existam motivos de segurança e privacidade que o impeçam.

8. O contributo dos cidadãos cientistas é reconhecido publicamente nos resultados dos projetos e nas publicações.

9. Os programas de ciência cidadã são avaliados pelos seus resultados científicos, qualidade dos dados, experiência para os participantes e abrangência dos impactos sociais e políticos.

10. Os responsáveis de projetos de ciência cidadã têm em consideração questões legais e éticas relativas ao copyright, propriedade intelectual, acordos sobre partilha de dados, confidencialidade, atribuição e impacto ambiental de qualquer atividade (EUROPEAN CITIZEN SCIENCE ASSOCIATION, 2021).

A partir desse panorama, cita-se aqui um exemplo de ciência cidadã empregada no campo da memória e da preservação que atuou como referência projetual e auxiliou na criação do projeto aqui apresentado.

3 MEMÓRIA PARA TODOS, UM INCENTIVO

O programa Memória para Todos é voltado para o estudo, sistematização e difusão da história recente de Portugal tendo como um dos principais objetivos recolher, documentar e divulgar memórias individuais e familiares evocadas por lembranças, artefatos, fotografias, entre outros objetos afetivos. Conforme apresentação no site², Memória para Todos é um programa de formação e investigação colaborativa e de ciência cidadã que promove o estudo, organização e disseminação do património histórico, cultural e tecnológico de Portugal, desenvolvido em estreita relação com arquivos, instituições, municípios e autarquias, escolas e associações locais. Sediado no Instituto de História Contemporânea e no Centro de Documentação e Estudos sobre a História Da I República e Do Republicanismo, ambos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, conta com a professora catedrática Maria Fernanda Rollo, principal fundadora e atual coordenadora científica; uma rede de pesquisadores acadêmicos e distintas ações que incluem a participação de diversos segmentos da sociedade inscritas no escopo da Ciência Cidadã.

[...] o programa formalizou-se e desenvolveu-se, assumindo como missão a recolha, a partilha e a preservação de memórias e testemunhos, a democratização do acesso às ferramentas da

² Disponível em: <https://www.memoriaparatodos.pt/>. Acesso em: 27 set. 2021.

investigação histórica, a promoção de dinâmicas colaborativas de investigação, a produção e a disseminação de conhecimento e a criação de novas fontes para a investigação, centrando-se nas dinâmicas sociais da construção da memória como fator essencial para a definição de identidade (ROLLO, 2020, p. 37).

Inicialmente, o projeto foi concebido no Centenário da República, em Portugal, como uma maneira de trazer à luz a história dos primeiros anos republicanos que foi velada pelas ações de censura do período subsequente, ou seja, o Estado Novo. Segundo Rollo (2020, p. 36),

Foi, então, possível apreender a riqueza e a extensão de objetos, em especial de documentos e fotografias, que existiam na posse de particulares e, muito especialmente, a(s) memória(s) que perduravam entre herdeiros, familiares de pessoas que ainda viveram os acontecimentos de outubro de 1910 e nos anos seguintes. Ficou muito clara a relevância desses contributos para o aprofundamento e o enriquecimento da história do período da Primeira República (ROLLO, 2020, p. 36).

A plataforma digital do projeto disponibiliza, atualmente, material de 14 projetos. As temáticas vão de fatos históricos, como a Revolução dos Cravos, espaços geográficos, como o projeto Aldeias, até a memória do patrimônio ambiental em face às mudanças climáticas e a Agenda 2030, com o projeto Lagoa dos Óbitos³. Os temas têm a função de disparar a mobilização dos pesquisadores acadêmicos e cidadãos na recolha dos relatos e no favorecimento de temáticas de pesquisa insurgentes. Além disso, o material/produto das ações é disponibilizado em banco de dados de acesso aberto disponível para alimentar pesquisas em curso, pesquisas futuras e afins, sem deixar de atender às regulações referentes à ética e aos direitos autorais. Característica das iniciativas de Ciência Cidadã, os meios digitais, no projeto Memória para Todos também assumem o protagonismo em relação às ferramentas de pesquisa:

O compromisso do programa Memória para Todos é, em suma, baseando-se na prática científica, como é sua matriz, para com as pessoas e as comunidades e o contexto em que habitam, envolvendo-as em diversos planos e procurando uma dinâmica colaborativa que promova a preservação e a valorização da memória, a criatividade e a criação de novo conhecimento, garantindo sua partilha e promovendo sua acessibilidade, constituindo, portanto, uma interface e uma intermediação entre a academia e a sociedade. O recurso às ferramentas digitais acontece, natural e inevitável, procurado e desenvolvido, refletindo e apropriando-se do contexto digital pelas possibilidades que proporciona e pela forma como molda e condiciona a produção do conhecimento e a sociedade em geral, como oportunamente poderá ser percebido também por meio das Memórias do Digital (ROLLO, 2020, p. 41).

³ Ver mais sobre esses e outros projetos em: <https://memoriaparatodos.pt>.

A chave principal do projeto Memória para Todos é a participação do cidadão em todo o processo da pesquisa. Nele, o cidadão não é considerado sujeito passivo que recebe dados e informações já prontas, mas sim um colaborador atuante nas tomadas de decisões, nas ações e, portanto, na produção do conhecimento. Tal empoderamento das comunidades, grupos e indivíduos⁴ quando considerado nos processos de patrimonialização, por meio dos instrumentos e metodologias que compõem a ciência cidadã, produz conhecimento ao mesmo tempo que legitima identidades. Percebe-se que, para além de ser um processo de recolha de documentos, o projeto induz uma valorização das memórias individuais na constituição de uma memória coletiva, propiciando um sentimento de pertencimento nos participantes.

A ciência cidadã, embora não seja tão recente, ainda não ganhou espaço no campo científico como mais um tipo de método de pesquisa junto aos já tradicionais. Aos poucos, ela vem sendo explorada em diferentes áreas. A democratização do conhecimento, elemento que revela sua potencialidade, está sendo umas das aspirações da humanidade, reforçando a ideia que o conhecimento é um direito de todos.

As crises enfrentadas pela pesquisa brasileira, atualmente, oferecem uma oportunidade de análise que sugere a insuficiência de trabalhos calcados em métodos e no discurso da Ciência convencional frente às problemáticas sociais próprias de seus contextos. Deste modo, providenciar lugares para outras histórias, pensar outras proposições para compreensão do mundo em que vivemos é buscar romper com a estrutura de poder na qual a ciência é tradicionalmente desenvolvida, em que o conhecimento teórico é considerado mais importante que o trabalho de campo e o trabalho de campo mais importante que as iniciativas transdisciplinares.

A incorporação da ciência cidadã em diversas áreas do conhecimento, progressivamente, sugere que o método se faz e fará presente nas pesquisas, não simplesmente como o único a ser utilizado, mas associado a outros métodos, contribuindo para esclarecer o problema de pesquisa e para dar lugar ao caráter universal da ciência.

4 AÇÕES PRÁTICAS, UMA APROXIMAÇÃO

Desde que o projeto nasceu, em 2020, até hoje, completando aproximadamente um ano e meio de existência, algumas ações práticas já foram aplicadas, sendo que outras delas estão em desenvolvimento. As ações, até o momento, dividem-se em três grupos. O primeiro deles é o grupo das ações educativas nas escolas; o segundo é o grupo das ações digitais; e o terceiro grupo diz respeito às ações presenciais na cidade.

4.1 Ações educativas

A começar pelas ações educativas nas escolas, é possível citar três, uma já finalizada e duas em desenvolvimento, previstas para ocorrer ainda no segundo semestre de 2021. Nesse momento, as três ações estão sendo aplicadas para o mesmo grupo de crianças, alunos e alunas do 5º ano de três escolas municipais de Bocaina. A atividade já finalizada é denominada

⁴ Para conhecer mais sobre o papel de comunidades, grupos e indivíduos na preservação do patrimônio cultural, ver SOUSA, 2018.

“Narrativas Afetivas - Cartões Postais”, cujo objetivo foi a produção, pelos alunos, de histórias a partir de duas formas: pela escrita e pela representação pictórica. A proposta era que as crianças conhecessem o que é um cartão postal, por meio de um vídeo e do recebimento de um cartão postal, com endereçamento individual, que continha uma imagem proveniente do arquivo histórico da cidade com informações no verso em formato de mensagem. A partir dessa fundamentação, o material foi distribuído para que as crianças pudessem elaborar o seu próprio cartão postal, desenhando algo de sua cidade que gostariam de mostrar para alguém e escrevendo uma mensagem complementar à imagem. A atividade teve como objetivo maior a promoção de afirmação e construção de conhecimento a partir da relação com o cotidiano dos alunos, de modo que ao contar parte da sua história, a criança pudesse se sentir participante da sociedade, pertencente àquela História, à Bocaina, vendo que o que ele guarda na memória (suas referências culturais⁵) é tão importante quanto uma fotografia antiga. Segundo Paulo Freire (1996, p. 13), “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.

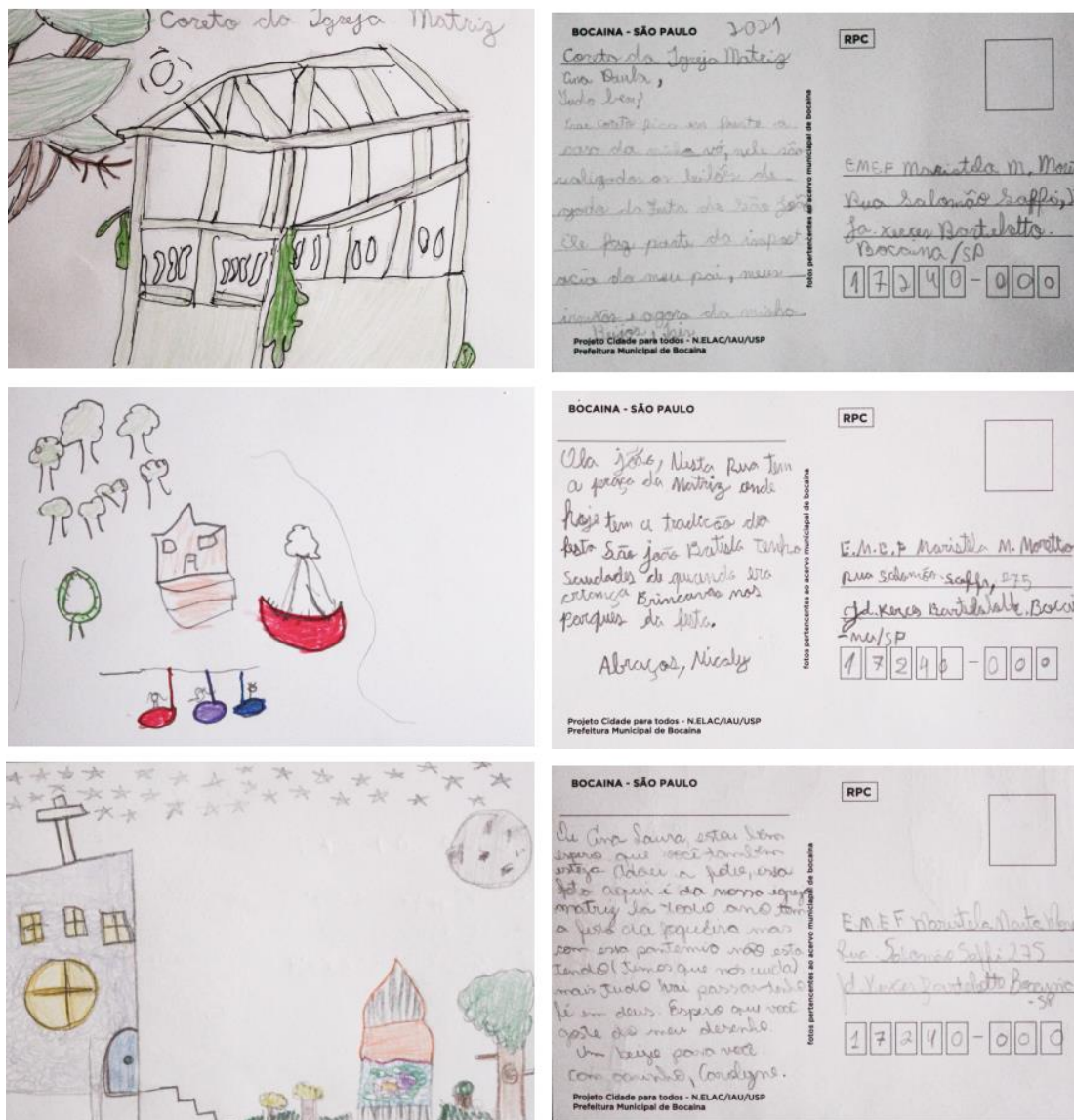
Figura 1: Cartões Postais entregues aos alunos na atividade Narrativas afetivas – Cartões Postais.



Fonte: Autores (2021).

⁵ Como afirma Maria Cecília Londres Fonseca (2000), a noção de referência cultural, incorporada no discurso das políticas de preservação a partir da criação do Centro Nacional de Referências Culturais em 1975, busca englobar as manifestações culturais que são representativas para os outros grupos que compõem a sociedade brasileira, índios, negros, imigrantes, classes populares em geral. A utilização do termo “referência” aparece como uma maneira de distinguir o que já existia nas instituições oficiais, propondo, assim, um novo modo de atuar na área da cultura (FONSECA, 2000).

Figura 2: Cartões Postais produzidos pelos alunos na atividade Narrativas afetivas – Cartões Postais.

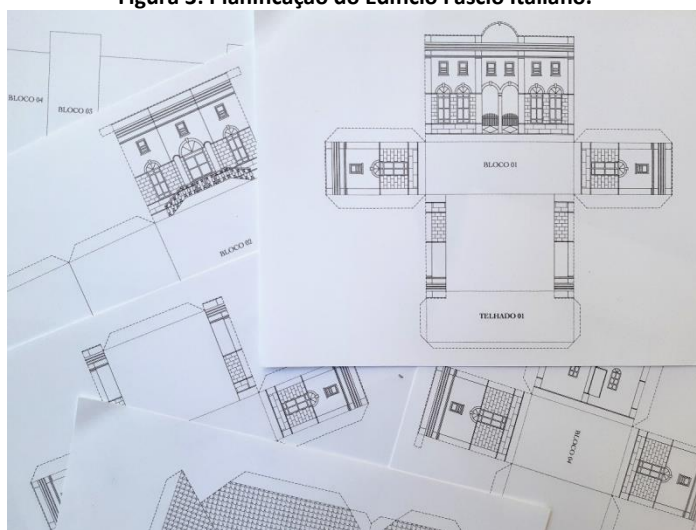


Fonte: Acervo dos autores (2021).

Dentre as ações em desenvolvimento, a “Releitura das Telas do Calixto” tem intenção de divulgar algumas das obras do artista Benedito Calixto, presentes na Igreja Matriz de Bocaina, um dos poucos artefatos de importância reconhecida pelo órgão de preservação patrimonial do Estado de São Paulo — Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), por meio do instrumento de tombamento, na cidade de Bocaina. A proposta é que as crianças, por meio da fotografia, façam suas leituras sobre as telas, usando o corpo como suporte — a atividade foi desenvolvida com base em diversas outras releituras de telas realizadas nesses moldes. A atividade também propicia que a criança ocupe o lugar de protagonista na construção do seu conhecimento, distanciando-se do lugar de onde simplesmente se recebe informações. A ação pode ser definida como uma tentativa de responder ao seguinte questionamento feito por Paulo Freire (1996, p. 15): “[...] Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

A segunda atividade em desenvolvimento é denominada “Apropriações da Cidade - Dobradura de papel” e tem como objetivo aproximar o aluno do conhecimento sobre a arquitetura, principalmente aquelas que trazem a dimensão de interesse histórico, de Bocaina. Busca-se caracterizar a edificação como um fato estético com possibilidade de representar parte das histórias e memórias de uma comunidade, a partir da elaboração de maquetes. Ao elaborar maquetes e conseguir visualizar um edifício em 3D, o aluno se aproxima de tal objeto, no caso de determinado edifício, entendendo como se configurava, se ele já não exista mais, ou se configura, caso ainda exista. O processo poderá despertar um sentimento de pertencimento e apropriação cultural, estimulando a noção de comunidade através de seus objetos, neste caso, a arquitetura, além de propiciar a realização de atividades manuais e desenvolver capacidades para compreensão da tridimensionalidade.

Figura 3: Planificação do Edifício Fascio Italiano.



Fonte: Acervo dos autores (2021).

Figura 4: Edifício Fascio Italiano representado em maquete.



Fonte: Acervo dos autores (2021).

4.2 Ações digitais

O ponto de partida do projeto “A cidade para todos” foi a criação de um perfil na rede social Instagram, identificado como @acidaparatos. Mais do que um meio de comunicação, a rede social tem atuado para o estabelecimento do contato com a população de Bocaina e para

o estreitamento de vínculos entre os pesquisadores e moradores, ex-moradores ou, mesmo, amigos de Bocaina. As ações foram variadas, nas primeiras postagens foram publicadas uma série de fotografias antigas da cidade, valendo-se do campo significativo da fotografia e de suas múltiplas camadas de significados atribuídos e colados nas imagens (FEIJÓ, 2003, p. 127 e 130) na tentativa de aproximar os bocainenses ao perfil. Com o trabalho regular de postagens, após cerca de cinco meses desde a criação do perfil do projeto na plataforma Instagram, lançou-se a primeira ação para participação da população: “Vamos desenhar Bocaina?”. A proposta consistiu em convidar os usuários seguidores do perfil (público em geral, bocainenses, visitantes, amigos de Bocaina) a compartilhar algum desenho sobre a cidade. A chamada da atividade dava ênfase ao olhar sobre a cidade em detrimento à qualidade do desenho e salientava: “não importa se você acha que não sabe desenhar, gostaríamos muito de receber sua contribuição, de poder compartilhar seu olhar sobre a cidade!”.

Figura 5: Divulgação da atividade “Vamos desenhar Bocaina?”.



Fonte: Acervo dos autores (2021).

A segunda ação via Instagram seguiu a mesma linha da primeira, porém, dessa vez, o olhar sobre Bocaina advinha de fotografias que os participantes eram convidados a fazer. Intitulada “Vamos fotografar Bocaina?”, a atividade visava ampliar o contato com as pessoas e com Bocaina. Por se tratar de fotografia, o engajamento foi facilitado em função do uso ampliado de aparelhos celulares. A atividade teve maior alcance e a quantidade de material recebido foi bastante superior, se comparada à atividade anterior.

Figura 6: Divulgação da atividade “Vamos fotografar Bocaina?”.



Fonte: Acervo dos autores (2021).

Como terceira ação tem-se a atividade denominada “Vamos compartilhar nossos

objetos afetivos?”. A proposta ainda está em andamento e, até o momento, registrou maior adesão entre as ações empreendidas. A chamada “Sabe aquele objeto que nos traz boas memórias? Não seria legal compartilhar esses objetos e as lembranças que gostamos de ter? Compartilhe uma foto do seu objeto afetivo, conte sua história” evidencia o aspecto da afetividade. A essa ação é possível associar a noção de “objetos biográficos” de Ecléa Bosi (1994). Segundo a autora, “[...] os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal”, “[...] cada um desses objetos representa uma experiência vivida” (BOSI, 1994, p. 441). Supõe-se que neste aspecto se encontra a explicação para o alto engajamento da população na ação.

O entendimento da relação existente entre pessoa e objeto individual, nesse vínculo afetivo intenso, pode extrapolar o campo do patrimônio para além da casa. Da mesma maneira, as pessoas possuem vínculos com determinadas referências culturais que são coletivas, que estão na cidade. O que se coloca como necessário é dar voz e lugar para que os sujeitos falem de suas memórias, seus patrimônios e referências culturais.

Figura 7: Divulgação da atividade “Vamos compartilhar nossos objetos afetivos?”.



Fonte: Acervo dos autores (2021).

A série de três ações mostradas acima evidencia o tipo de atividade que se vem desenvolvendo junto à comunidade via rede social Instagram, no perfil @acidadeparatodos. Além dessas ações, frequentemente, criam-se postagens e materiais sobre a cidade, como forma de falar sobre Bocaina, divulgar trabalhos que vêm sendo feitos e, deste modo, de atingir e convidar, cada vez mais, os moradores para a troca de experiências, histórias e memórias.

Ainda dentro das ações digitais, cita-se o desenvolvimento de uma plataforma web, que se encontra em andamento. A plataforma funcionará como um repositório digital. Nela estará disponível o acervo fotográfico da cidade, o qual incorpora materiais do arquivo público de Bocaina e documentos cedidos por particulares à pesquisa. Cabe ressaltar que a elaboração desta etapa inclui a digitalização de todo o material incorporado, já que os documentos se configuram como materiais de gerações distintas, porém somente em versão impressa. Ainda no site estarão disponíveis todas as ações educativas já aplicadas nas escolas, para que se possa consultar e conhecer seus resultados, bem como coletar o material disponível para sua realização. Além das ações já efetuadas, ainda há a possibilidade de elaboração de atividades via plataforma digital, um passo posterior.

4.3 Ações presenciais

Este bloco teve início marcado no segundo semestre de 2021, tendo em vista que a realização de atividades presenciais estava condicionada ao avanço da vacinação para imunização dos participantes contra o coronavírus. Para esse último bloco, uma ação está em execução. Trata-se da realização de ciclos de exposições de fotografias antigas da cidade. A ação visa a divulgação dos documentos pertencentes ao acervo municipal que, hoje em dia, encontram-se encaixotados e com acesso dificultado devido às condições de armazenamento. Intitulada Memórias de Bocaina, a exposição marca o início da colaboração entre o projeto “A cidade para todos” e a Prefeitura Municipal de Bocaina. A ação acontece no espaço do Cine Jequitibá, edifício significativo na vida cultural da cidade, e se divide em três ciclos, expondo um total de 100 fotografias. O primeiro ciclo teve início no dia 28 de agosto de 2021 e permanecerá até dia 26 de outubro de 2021.

Figura 8: Exposição Memórias de Bocaina.



Fonte: Acervo dos autores (2021).

Memórias de Bocaina se caracteriza como uma exposição interativa. A ausência de legendas nas imagens propõe que o participante intervenha por meio de post-its e canetas. Todo o material fotográfico exposto é reprodução dos documentos originários impressos e são sobre essas reproduções que os participantes da exposição são convidados a escrever alguma informação, histórias e possíveis lembranças relacionadas a determinada fotografia exposta. A intenção é que os participantes interajam, acrescentem e troquem informações a partir das memórias de outros visitantes, adicionando assim outras camadas e sentidos às imagens do arquivo público da cidade. Todas as colaborações estão sendo documentadas e poderão auxiliar, no futuro, na organização do acervo.

Figura 9: Exposição Memórias de Bocaina.



Fonte: Acervo dos autores (2021).

5 DESAFIOS E POSSIBILIDADES, UM ESFORÇO

Diante do percurso elaborado até aqui, durante este um ano e meio de existência do projeto “A cidade para todos”, pode-se levantar, a princípio, dois pontos. O primeiro deles é a necessidade de criação de projetos e ações que envolvam a educação patrimonial — campo ainda pouco explorado diante da consolidação da noção de patrimônio cultural institucionalizado — abrindo, assim, espaço para novas formas de se pensar sobre a disciplina por meio da população e dos diversos grupos sociais detentores do saber.

O segundo ponto se concentra no desafio de fazer acontecer e manter vivo projetos e ações. Isso envolve, primeiramente, angariar, enquanto universidade e acadêmicos, espaço de fala e escuta na cidade. As pessoas, muitas vezes, ficam receosas com o interesse do projeto, em um primeiro momento. Por se falar do campo da preservação do patrimônio cultural, muitos são levados a associar a atuação do projeto com a prática do tombamento — ainda vista com muita aversão pela população bocainense. Fazer acontecer é um processo lento e que requer persistência. O contato com os mais distintos grupos, na elaboração da rede, é necessário e, muitas vezes, se faz por meio de agentes igualmente distintos, como, funcionários da prefeitura, prefeito, secretários da educação, da cultura, do turismo, professoras, comerciantes, moradores antigos, crianças. A partir desse contato, as ações propostas começam a ser aceitas e vão sendo marcadas por participações cada vez mais significativas. Os resultados, ao começarem a aparecer, solidificam a intenção enquanto projeto participativo engajando outras ações, propiciando o surgimento de mais pessoas se voluntariando a participar e compor a rede. Um exemplo disso foi a repercussão do primeiro ciclo da exposição Memórias de Bocaina. Após a

inauguração, diversos moradores da cidade procuraram os técnicos do projeto para compartilhar suas fotografias antigas. Foi possível ter acesso a novos e exclusivos materiais, como fotografias, jornais, documentos que, possivelmente, jamais se teria. Atualmente, esses materiais vêm sendo digitalizados para serem incorporados ao repositório do projeto para sua devida divulgação.

Por fim, manter vivo o projeto e as ações também é um desafio. É necessário agregar cada vez mais pessoas dispostas não apenas a participar momentaneamente, mas também a trabalhar pelo desenvolvimento do projeto. Mais do que isso, os participantes devem-se entender como mediadores das ações para que elas tenham continuidade, fortaleçam-se, transformem-se e tenham seus objetivos aprimorados. A ideia de mediadores reforça o conceito da própria educação patrimonial enquanto libertadora e humanizada. O conhecimento não é transferido, é construído e ao ser construído o educador pode ser educando e o educando pode ser educador, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 12).

Esses foram alguns apontamentos finais que se apresentaram na experiência de criação e desenvolvimento de um projeto de educação patrimonial. Espera-se colaborar com o desenvolvimento de outras ações com vista a estimular o sentido de pertencimento e, sobretudo, a manter viva as memórias coletivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAGLI, Sarita, CLINIO, Anne. & RAYCHTOCK, Sabryna. **Ciência Aberta: correntes interpretativas e tipos de ação**. Liinc em Revista, v. 10, n. 2, p. 434-450, 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3593>. Acesso em: 04 out. 2021.

BASKERVILLE, Richard. **Investigating Information Systems with action research**. Communications of the Association for Information Systems, v. 2, p. 2-32, 1999. Disponível em: <https://aisel.aisnet.org/cais/vol2/iss1/19/>. Acesso em: 04 out. 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação**. Educar em Revista, UFPR, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/dDzflYyDpPZ3kM9xNSqG3cw/?lang=pt>. Acesso em: 04 out. 2021.

EUROPEAN CITIZEN SCIENCE ASSOCIATION. **Dez princípios de ciência cidadã**. Disponível em: EU-Citizen.Science :: About. Acesso em: 08 out. 2021.

FEIJÓ, Marcelo. **A Memória de São Paulo nas Fotografias de Militão Augusto de Azevedo e Guilherme Gaensly**. Revista Cidades - Comunidades e Territórios, Lisboa - Portugal, n. 6, p. 127-135, 2003.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio**. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Manual do INRC. Brasília: DPI/IPHAN, 2000, pp. 11-21.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARICONDA, Pablo Rubén, & MOLINA, Fernando Tula. **Entrevista com Andrew Feenberg**. Scientiae Studia, v. 7, n. 1, p. 165-171, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11171>. Acesso em: 04 out. 2021.

ROLLO, Maria Fernanda. **Desafios e responsabilidades das humanidades digitais: preservar a memória, valorizar o patrimônio, promover e disseminar o conhecimento. O programa Memória para Todos**. Estudos Históricos, Rio de

Janeiro, v. 33, n. 69, p. 19-44, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/eh/a/5gB3jG5kdsL3MS5pVBrfHzn/?lang=pt>. Acesso em: 04 out. 2021.

SOARES, Marinalva Dias, & SANTOS, Rafael D. C. **Ciência cidadã: O envolvimento popular em atividades científicas.** Ciência Hoje, v. 47, n. 281, p. 38-43, 2011. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/236952978_Ciencia_Cidada_o_envolvimento_popular_em_atividades_cientificas. Acesso em: 04 out. 2021.

SOUSA, Filomena. **A Participação na Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial: O papel das Comunidades, Grupos e Indivíduos.** Alenquer: Memória Imaterial CRL, 2018. Disponível em:
https://www.memoriamedia.net/pci_docs/A_Participacao_na_Salvaguarda_do_PCI_Filomena_Sousa.pdf. Acesso em: 13 out. 2021.